



**Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS)
Curso de Administração**

**A EXPECTATIVA DO PRIMEIRO EMPREGO: VIVÊNCIAS DE PRAZER E
SOFRIMENTO DE ESTUDANTES**

**THE EXPECTATION OF THE FIRST JOB: EXPERIENCES OF PLEASURE
AND SUFFERING FOR STUDENTS**

Matheus Nogueira Nunes^{1*}

Prof. Dr. Igor Guevara Loyola de Souza^{2**}

RESUMO

Com o passar do tempo, os jovens vem cada vez mais sofrendo com o desemprego e frustrações que essa situação causa. Tendo isso como base, definiu-se como objetivo de pesquisa comparar as vivências de estudantes na busca pelo primeiro emprego. Foram realizadas entrevistas com 9 pessoas, sendo homens e mulheres que estão atualmente desempregados ou que estão no seu primeiro emprego. Os resultados evidenciam que uma situação de desemprego é um agravante na saúde mental do jovem. Por fim, pode-se compreender que as empresas contratantes estão exigindo muita formação de quem ainda não teve a oportunidade, afetando diretamente aqueles que buscam se inserir no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Desemprego. Prazer e sofrimento. Primeiro emprego. Psicodinâmica do trabalho.

ABSTRACT

Over time, young people are increasingly suffering from unemployment and frustrations that this situation causes. Based on this, the research objective was defined to compare the experiences of students in their search for their first job. Interviews were carried out with 9 people, men and women who are currently unemployed or who are in their first job. The results show that a situation of unemployment is an aggravating factor in the mental health of young people. Finally, it can be understood that the contracting companies are demanding a lot of training from those who have not yet had the opportunity, directly affecting those seeking to enter the labor market.

Key words: Unemployment. Pleasure and suffering. First job. Psychodynamics of work.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2020, o Brasil foi assolado por uma epidemia de nível global, causada pelo Coronavírus (Covid-19). Com o uso de medidas preventivas, como isolamento social e o uso

^{1*}Aluno(a) do curso de Administração. Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso. E-mail: matheus.nn@sempreceub.com.

^{2**} Professor(a) orientador(a) do curso de Administração do Centro Universitário de Brasília. Doutor em Administração pela Universidade de Brasília.. E-mail: igor.souza@ceub.edu.br.

de máscaras, foi possível ter uma leve diminuição dos danos causados por este vírus. Contudo, seus danos já haviam sido graves, como o aumento na taxa do desemprego global (DIAS *et al.*, 2020). O mercado atual vem mostrando um grande aumento do desemprego entre jovens, o que gera um agravamento na saúde dos mesmo e até a desistência na procura do primeiro emprego. Devido a falta de experiência e oportunidades, os jovens são os que mais sofrem com desemprego no país, sendo a taxa de desocupados de 29,8% para jovens entre 18 e 24 anos (IBGE, 2021).

É preciso entender o que é desemprego e que nem toda pessoa sem trabalho é, necessariamente, um desempregado. O desemprego pode ser relacionado a qualquer pessoa com idade para trabalhar (acima de 14 anos) que não estão empregadas, mas estão disponíveis e procuram por um trabalho. Assim, não são considerados desempregados estudantes universitários e uma dona de casa, por exemplo (IBGE, 2021). O impacto do desemprego na degradação do bem estar psicológico de trabalhadores é algo ressaltado por Argolo e Araújo (2004) há quase 20 anos. Isto é agravado quando a situação de desocupação força as pessoas, aflitas pela falta de dinheiros e reconhecimento social, a encararem filas quilométricas pela possibilidade de uma vaga em algum serviço formal, mesmo que não seja do agrado de quem procura (NAVARRO; PADILHA, 2007).

No que tange a perda de emprego, ela é caracterizada como responsável pelo surgimento de sentimento de insegurança em relação ao fato de estar "desligado" de relações sociais, tornando-o vulnerável à condição social fragilizada (DRUCK, 2011). Em razão disso, tem como consequências o aparecimento de sofrimento social e psíquico, o que pode gerar agravamento à saúde mental do indivíduo que se encontra sem serviço (WERLANG; MENDES, 2013). Mas qual o impacto do desemprego na vida dos jovens? O desemprego pode ser a causa de ansiedade e depressão? Quais frustrações levam alguém a ser desalentado? Definiu-se, como objetivo para este trabalho, comparar as vivências de prazer e sofrimento de estudantes na busca pelo primeiro emprego.

Este estudo se justifica no âmbito acadêmico pela relevância e causa direto para os estudantes, visto que, são os que mais sofrem com o desemprego no país, sendo quase 30% (IBGE, 2021), podendo agregar, também, para as próprias organizações contratantes, pois pode otimizar seus sistemas de seleção dos jovens, oferecendo uma nova visão para os recrutadores da área de RH e mostrando que, embora os jovens não tenham experiência na área, através dos ensinamentos que a companhia irá transmitir, eles obterão o conhecimento necessário para realizar as tarefas. Também acrescentará institucionalmente para instituições de ensino, demonstrando que a formação dos alunos não está acompanhando as exigências do mercado de trabalho, fazendo com que não consigam um emprego formal durante ou após o término do curso.

No âmbito social, este trabalho poderá ser de familiaridade por quem sofreu ou sofre com o desemprego, mostrando que existem milhões na mesma situação, o descaso da atual gestão brasileira com os jovens e o impacto psicológico que o desemprego causa (IBGE, 2021).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Primeiro emprego

Entre os séculos 12 e 17, as crianças já eram vistas como sendo úteis na renda familiar, já que eram vistas como miniaturas de adultos a partir dos 7 anos, onde imitavam seus pais na realização de tarefas, cumprindo, assim, seus papéis na sociedade. Durante o século 17, foi

observada a fragilidade da infância, onde foi criada uma nova ação social que se importava com o seu desenvolvimento saudável, longe de desamparos e abusos (SILVA, 2015).

Tem sido um desafio para os jovens conseguirem um emprego, ainda mais se tratando de seu primeiro, pois, ao serem contratados, irão enfrentar várias dificuldades em relação ao ambiente de trabalho e que serão somadas às transformações de suas próprias fases de desenvolvimento (OLIVEIRA; GODOY, 2015). Esta situação é agravada se for observada por contextos de baixa renda, pois, os jovens são incentivados pelos familiares a buscar um trabalho. Na maioria das vezes, os jovens o fazem para auxiliar nas despesas da casa, mas os familiares não conseguem dar orientações adequadas sobre as dificuldades que rodeiam o ambiente de trabalho (AMAZARRAY, 2009).

Embora exista incentivo de programas para os jovens conseguirem seu primeiro emprego, o mercado de trabalho configura um ambiente hostil, com baixos salários e altos índices de rotatividade (SILVA FILHO; SILVA; QUEIROZ, 2015). É importante citar que o aprendizado no trabalho não ocorre de forma uniforme para todos os jovens, pois existem características que os diferenciam, em especial a partir do que os motiva a buscar pelo primeiro emprego (OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012).

Inserir-se no mercado de trabalho marca uma transição da infância para a vida adulta, podendo gerar mudanças no comportamento, papéis e relações interpessoais dos jovens. Neste cenário, a motivação é de suma importância para impulsionar o jovem a seguir por novos caminhos e superar futuros obstáculos (DORNELLES *et al.*, 2016).

A motivação é o que nos incentiva, sendo a força para agir. É observado que a motivação mostra o processo que um grupo de motivos ou razões estimula, provoca, incentiva, explica ou induz um comportamento ou ação humano, este sendo sempre motivado. Muitos fatores podem motivar um indivíduo, fatores tangíveis como dinheiro ou intangíveis como a independência (LOPES, 1980).

Nos motivos intangíveis são encontrados os interesses pessoais, como sonhos ou realização, sendo também incentivados pelos pais, o que condiz com o estudo de Amazarray (2009, p. 334) "incentivo da família, busca do primeiro emprego e por novas experiências e conhecimentos, curiosidade em relação ao mercado de trabalho e ambiente laboral agradável". Como motivação tangível, se encontra a aquisição do dinheiro. A motivação é o que estimula, direciona e mantém um comportamento, sendo que tanto intangível quanto tangível são essenciais. A motivação intangível é uma tendência natural do indivíduo, em que demonstra interesse ou curiosidade para vencer obstáculos, sendo ela própria recompensadora. Enquanto a motivação tangível, leva a ideia de obtenção de algo pela execução da atividade, no caso de jovens trabalhando, seria o dinheiro, sendo assim, não se tem interesse na própria atividade, apenas no que ela pode dar (WOOLFOLK, 2000).

2.2 Desemprego

A precária inserção no mercado de trabalho, a exclusão social bem como a falta de acesso a um serviço decente podem fazer com que se desestruturam os laços sociais e afetivos, o que causa uma elevação no nível de sofrimento mental, fazendo com que se reflita negativamente na autoestima do jovem (LIMA; BORGES, 2002). Também é observado que um tempo prolongado de desemprego pode aumentar a sensação de solidão e fracasso, levando ao desenvolvimento de distúrbios emocionais (PINHEIRO; MONTEIRO, 2007).

O desemprego juvenil se tornou preocupante, já que, depois de vivenciar uma situação de desemprego, o jovem não recupera-se por completo dos impactos adversos da situação (MROZ; SAVAGE, 2005). Além disso, são influenciados por muito tempo e negativamente no seu estado de bem-estar e em sua saúde mental (BACIKOVA, 2007).

A dificuldade de encontrar um emprego é decorrência de ainda uma inadequação da capacidade individual, onde esta vai se deteriorando com a medida que o tempo desempregado aumenta, ou até mesmo se o indivíduo exercer uma subocupação tendo como objetivo apenas sua sobrevivência. Esse tipo de trabalho, sendo de tempo parcial ou sem relações com sua qualificação, podem impedir a busca de uma função mais harmônica com suas qualidades produtivas (MENEZES; DEDECCA, 2006).

O primeiro emprego pode ser extremamente positivo aos jovens, pois poderá agregar conhecimentos e vivências que só são obtidas no trabalho real, bem como facilitar a busca de um segundo serviço, visto que o jovem já está inserido no mercado de trabalho. Embora a positividade, além do longo tempo de procura pela primeira oportunidade de trabalho, os jovens podem acabar encontrando serviços com um certo grau de precariedade, podendo se envolver em serviços no setor informal da economia (REIS, 2015).

A condição de desemprego pode abalar o psicológico dos jovens, pois acabam os desencorajando pelo longo período fora do mercado de trabalho, manifestando pessimismo e dificuldades para serem inseridos novamente no mercado. Fazendo com que o indivíduo se veja obrigado a aceitar qualquer tipo de serviço, o que pode afetar sua autoestima (MENEZES; DEDECCA, 2006).

A diminuição da autoestima é possível ser observada em pessoas que já sofrem com a vivência de um desemprego. São pessoas que demonstram claramente um maior descontentamento com suas atuais situações de vida, como renda e moradia, se forem comparadas com quem não teve nenhuma experiência ou teve pouca. O descontentamento pode ser relacionado ao sentimento de que, futuramente, possa sofrer do mesmo trauma novamente, resultando negativamente na satisfação com a vida e relações com os próximos (BERTH; FORSTER; BRAHLER, 2005).

Tendo como base o estudo feito por Anjos e Mendes (2015) sobre concurseiros, em que os estudantes se submetiam à uma carga horária de estudos semelhantes a de um trabalho, relataram uma pressão por produção (como materiais lidos, tempo de estudo, outros cursos prestados etc) e uma abdicação de vida social, é possível analisar a busca pelo primeiro emprego já como um trabalho. O que condiz com a pesquisa feita pelo IBGE (2021) sobre desemprego, em que não basta estar sem emprego para ser considerado desempregado, visto que estudantes, por exemplo, não são considerados desempregados.

2.3 Psicodinâmica do trabalho

A busca de emprego já é considerada como um trabalho, é por isso que falar sobre a psicodinâmica do trabalho tem fundamental importância neste artigo. É um tema de indiscutível valor para os tempos modernos, visto a vasta consequências que podem causar nos trabalhadores.

Em meados dos anos 90, surgiu a psicodinâmica do trabalho, onde foram ampliadas as discussões sobre a saúde mental e os efeitos que o trabalho pode trazer. A psicodinâmica do trabalho baseia-se na centralidade do mesmo, sendo diferenciada por níveis (DEJOURS, 2017). Sobre essa concepção, deixou-se de observar o trabalho apenas por seus fatores negativos, visto que podem também ter consequências positivas no trabalhador (AREOSA, 2019).

Entretanto, o que é realmente novo na abordagem do trabalho é a impressionante influência sobre a saúde mental do empregado causada por seu serviço, revelando a subjetividade inerente sobre a forma como cada um dos trabalhadores lida com seu ambiente laboral. Diante dos embaraços vindos da organização, o trabalhador nunca será o sujeito

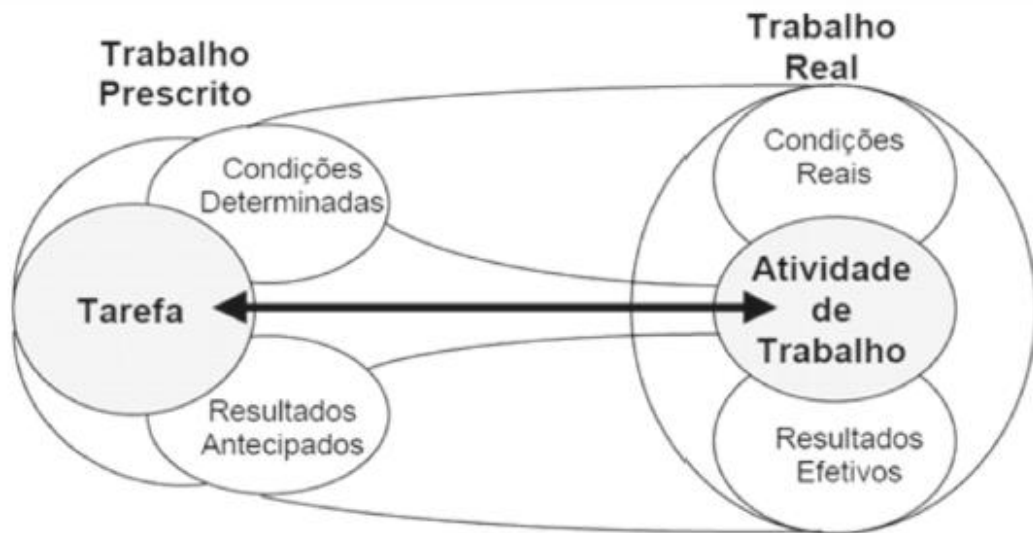
passivo (AREOSA, 2019). Sendo esse um dos motivos pelo qual o trabalho não é visto como um elemento neutro perante a saúde mental do funcionário (DEJOURS, 1999).

A psicopatologia do trabalho pode ser entendida como mais centrada no que o trabalho poderia provocar de doenças mentais, enquanto que a psicodinâmica do trabalho busca entender como que os trabalhadores lidam com os abusos sofridos pelas organizações e quais as estratégias utilizadas para se proteger/defender (AREOSA, 2019). Com um enigma, Areosa (2019) busca entender como estes trabalhadores mantêm sua saúde mental em situações que podem ser alvos de ataques gravíssimos à sua pessoa.

[...] Talvez o grande enigma que a psicodinâmica do trabalho pretenda responder seja o seguinte: como é que muitos trabalhadores conseguem manter a sua sanidade mental, numa espécie de homeostasia, quando em determinadas situações podem ser alvo de profundos ataques oriundos do seu ambiente laboral?

Uma das formas de se identificar prazer e sofrimento no primeiro emprego é a comparação do trabalho real com o trabalho prescrito. Pode ser entendido como trabalho real as manobras feitas por trabalhadores para lidar com situações reais do cotidiano do serviço, às adaptações necessárias para cumprir a função prevista, ou seja, o trabalho não visível. Já o trabalho prescrito é possível ser entendido como o que é encarregado ao trabalhador pela empresa (DEJOURS, 2014). A diferença entre ambos são a contradição que ocorre no ambiente de trabalho, o que é pedido e o que a coisa pede (MAGGI, 2006). É necessário que exista uma atenção para não se confundir a tarefa com a atividade, pois a atividade sempre estará ligada ao trabalho real e tendo resultados efetivos, enquanto a tarefa é ligada ao que é prescrito, formal ou informalmente pela companhia, sendo esperado atingir resultados previstos (GUÉRIN *et al.*, 2001).

Figura 1 - Trabalho Prescrito x Trabalho real



Fonte: Adaptado de Guérin *et al.* (2001) p.15.

Como observado na Figura 1, o trabalho real está diretamente relacionado às atividades de trabalho, que sempre estarão envolvidas em condições reais e resultados efetivos. Por outro lado, o trabalho prescrito está relacionado às tarefas, estas que são possíveis de terem resultados antecipados e condições determinadas (GUÉRIN *et al.*, 2001)

Entre as expectativas e realidades do trabalho, os funcionários acabam sofrendo com essa comparação, e acabam criando blindagens para se protegerem. Há diferentes estratégias, por parte dos trabalhadores, para se protegerem da brutalidade emitida pelas formas atuais de convívio na organização do trabalho. Fazendo com que muitos trabalhadores tenham encontrado meios, tanto individuais quanto coletivos, para aguentar e regular o sofrimento proveniente do trabalho, bem como manterem a sua clara funcionalidade psíquica (AREOSA, 2019). É completado por Dejours (1999) o conceito de estratégias defensivas, sendo utilizadas por homens e mulheres como uma "proteção" e que são, por vezes, repletas de criatividade, variedades e sagacidades.

[...] Em face do sofrimento, o ego não fica passivo, ele se defende. As pesquisas em psicodinâmica e psicopatologia do trabalho mostram que existem defesas individuais e coletivas contra o sofrimento no trabalho. E essas defesas têm em comum funcionar como atenuadores da consciência desse sofrimento, como uma espécie de analgésico.

No entanto, a utilização dessa proteção, embora seja eficaz, pode mostrar seu lado prejudicial. Podem se tornar armadilhas para o trabalhador, pois acabam criando "distrações" fazendo com que não tenha mais noção do que realmente os faz sofrer (DEJOURS, 1999). E segundo Areosa (2019) "[...] servem para tolerar o intolerável.". Um problema que essa situação pode trazer, é fazer com que o operário aceite suportar situações extrapoladas, como o "sofrimento ético", onde o trabalhador é obrigado a agir contra a sua moral, cometendo ações que não consideram éticas pelo bem do seu serviço.

A relação de confiança que é construída no trabalho, sendo por um grupo ou comunidade, mostra a existência de regras e códigos que são criados com o intuito de que haja harmonia dentro do ambiente de trabalho, fazendo com que seja possível trabalharem juntos e a construção de laços coletivos. Essas "regras", que são derivadas do trabalho real, ou seja, são experiências do ambiente laboral, precisam entrar em harmonia com as regras provenientes do trabalho prescrito, gerando assim, uma dualidade no ambiente de trabalho, pois, nem sempre a regra prescrita será a melhor opção. Isto demonstra que, mesmo conhecendo as regras, os trabalhadores ainda tendem a "quebra-la", porque podem ocorrer situações de imprevisto em seja necessário a criatividade do funcionário para solucionar o caso (AREOSA, 2019).

3 METODOLOGIA

Para alcançar esses objetivos, procedeu-se uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa é definida como uma forma peculiar de fazer-se pesquisa social, pois pode ser reconhecida por dois traços distintivos: a chance de uma observação mais próxima dos fatos e o esforço em adaptar o próprios procedimentos na análise dos dados do objetivo, ou seja, uma técnica de pesquisa em que a proximidade com a matéria estudada transforma-se no compartilhamento de vivências entre as pessoas envolvidas no estudo (CARDANO, 2017).

Quadro 1 - Procedimentos metodológicos de pesquisa

Etapas	Objetivos de pesquisa	Abordagem	Instrumentos	Amostragem	Amostra	Análise

1	Comparar as vivências de estudantes na busca pelo primeiro emprego	Qualitativa	Roteiro semiestruturado de pesquisa	Saturação teórica	Jovens adultos que buscam o primeiro emprego	Análise de conteúdo
----------	--	-------------	-------------------------------------	-------------------	--	---------------------

Fonte: Elaborado pelo autor.

O roteiro semiestruturado de entrevista (Apêndice A) foi dividido em três partes. A primeira parte tem como objetivo apresentar brevemente quem são os entrevistados. A segunda parte tem como foco descobrir sobre a experiência no mercado de trabalho da pessoa. A terceira parte tem como meta averiguar como está a busca do primeiro emprego.

O Quadro 2 mostra o perfil dos(as) entrevistados(as), onde é possível observar qual o entrevistado, idade, gênero, como se declara quanto a raça, se estão na faculdade e se é pública ou privada, caso seja privada, se precisaram de financiamento estudantil ou se pagaram.

Quadro 2 - Perfil dos(as) entrevistados(as)

Entrevistado	Idade	Gênero	Raça	Faculdade	Pública ou Privada	Financiamento estudantil ou Pagaram
E - 1	23	Masculino	Pardo	Sim	Privada	Bolsista
E - 2	23	Masculino	Branca	Sim	Privada	Pagaram
E - 3	21	Feminino	Branca	Não	-	-
E - 4	23	Masculino	Pardo	Sim	Privada	Pagaram
E - 5	23	Masculino	Branca	Sim	Privada	Pagaram
E - 6	23	Masculino	Branca	Sim	Privada	Pagaram
E - 7	23	Feminino	Branca	Sim	Privada	Pagaram
E - 8	23	Masculino	Branca	Sim	Pública	-
E - 9	23	Masculino	Branca	Sim	Privada	Bolsista

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os entrevistados possuíam idades entre 21 e 23 anos, sendo sete homens e duas mulheres. A raça predominante na pesquisa foi a branca, sendo 77% dos entrevistados, os outros 23% se identificaram como pardos. Primeiramente procurou-se conhecer os entrevistados, perguntando a idade, o gênero que se identificavam, a raça e também se haviam concluído um curso superior, tendo uma jovem respondido que não. Foi questionado também se as faculdades eram públicas ou privadas, com apenas um entrevistado sendo da rede pública de ensino. Outra pergunta foi se precisaram de financiamento estudantil ou se pagaram, como uma entrevistada não possuía faculdade e o outro era da rede pública, foram levantadas apenas sete respostas, onde cinco pagaram os próprios estudos e dois eram bolsistas.

A observação na pesquisa qualitativa utiliza da coleta de dados em situações em que as pessoas estão exercendo suas atividades em seu ambiente natural, permitindo que se tenha uma maior realidade social (HOLLOWAY; WHEELER, 1996). Para este trabalho, alguns fatores foram seguidos: (1) ser jovem; (2) estar procurando o primeiro emprego; (3) estar no primeiro emprego. Foram feitas, no total, 9 entrevistas com 7 homens e 2 mulheres, que estão

procurando ou já exercem funções no primeiro emprego. A amostragem da pesquisa foi determinada por saturação teórica.

Para iniciar a coleta de dados, foi elaborada uma mensagem para ser usada como modelo a ser enviada via e-mail ou Whatsapp explicando como a entrevista iria funcionar. As pessoas identificadas para fazer a pesquisa foram jovens, onde foi realizado um contato prévio para explicar como irá funcionar a participação na pesquisa e a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE (Apêndice B), convidou jovens para a participação do documento, onde delimitou-se a natureza e os objetivos do estudo, os procedimentos, riscos, benefícios e o direito de confidencialidade. O TCLE foi assinado pelo autor e enviado via e-mail ou Whatsapp para cada participante, solicitando a assinatura, leitura e compreensão de todo o termo. As entrevistas foram realizadas e gravadas pela plataforma do Google Meet, levando em média de 10 minutos cada entrevista. Todas as entrevistas foram transcritas.

Quando observado uma repetição das respostas do questionário, foi identificada a saturação teórica, fazendo com que a aplicação do questionário seja interrompida. A saturação teórica ocorre quando se considera que as informações começam a demonstrar certo nível de reincidência e de exaustão (POLIT; HUNGLER, 1995).

Para a análise de dados, procedeu-se uma análise de conteúdo. A análise de conteúdo é iniciada pela mensagem, podendo ser escrita, oral, figurativa, documental, silenciosa ou provocada diretamente, expressando, necessariamente, um sentido e um significado. (BARDIN, 1977).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente trabalho teve como objetivo comparar as vivências de estudantes na busca pelo primeiro emprego. A partir da análise qualitativa, os dados foram divididos em 3 categorias: a) a superqualificação profissional, b) a língua estrangeira e c) a dificuldade na busca pelo primeiro emprego. O Quadro 3 mostra graficamente o uso das perguntas feitas pelo questionário para os que estão na busca pelo primeiro emprego

Quadro 3 - Pessoas na busca pelo primeiro emprego

Entrevistado	Superqualificação profissional	Língua estrangeira	Dificuldade na busca pelo primeiro emprego
1	X	X	X
2	X		
3	X	X	X
4	X	X	X
5	X	X	X
6	X	X	X
7	X		
8	X	X	X
9	X	X	X

Fonte: elaborado pelo autor.

4.1 Superqualificação profissional

Há uma preocupação dos jovens com sua qualificação, pois, mesmo com ensino superior, eles entendem, no geral, que as vagas que são buscadas pelo primeiro emprego exigem mais do que a graduação fornece.

“Sim, os locais que contratam sempre estão exigindo muita experiência de pessoas que ainda não tiveram uma oportunidade em ter uma experiência. Acredito, porque as empresas exigem muito de quem não tem nada.” (Entrevistado 9)

“Sim, com certeza, as empresas estão exigindo muita experiência e formação de jovens que não tiverem tempo de ter um emprego formal ou mesmo se formarem na faculdade, assim fica complicado arrumar algum trabalho. Acredito que sim, embora já tenha estagiado, não é o suficiente para conseguir um emprego de verdade.” (Entrevistado 6)

“Acredito que sim, as pessoas não têm mais essas oportunidades de entrar em um estágio, em uma vaga de menor aprendiz, e o mercado de trabalho pede essas experiências, e as pessoas não tem, então fica muito mais difícil, principalmente pras pessoas mais jovens que estão ingressando no mercado de trabalho. Eu acredito que não, pois os empregos que consegui, apesar de serem temporários, não pediam uma experiência pré definida, então nessa parte, falando de mim, foi tranquilo.” (Entrevistado 5)

“Sim, eu acredito que sim. Sim, por exemplo, na minha área, você precisa está formado, então já tem que ter ensino superior, além disso você precisa de alguns cursos que são pagos, o que dificulta na conquista do emprego.” (Entrevistado 1)

“Sim, estão exigindo muita experiência. Com certeza, é o que mais tem por aí, eles avaliam muito isso.” (Entrevistado 3)

“Sim, principalmente na área de engenharia eletrônica. Embora você possa aprender muita coisa por conta própria, ainda exige uma formação prévia, não possibilitando que a gente tenha experiência. [...] Acredito que seja porque as empresas na área que estou estudando buscam pessoas com mais experiência, não dando oportunidade para nós. Acho que vai demorar um pouco porque estou mirando meio alto.” (Entrevistado 8)

Observou-se que todos os participantes relataram aspectos de superqualificação por parte das empresas. As companhias vêm exigindo muita formação e qualificação dos jovens sem antes dar essa oportunidade a eles, o que gera frustração e angústia nos entrevistados. No estudo de Wickert (2006), os jovens acabam achando que não fizeram cursos suficientes, que não estudaram em locais adequados, que não se qualificaram e que não atingiram, individualmente, as exigências do mercado, causando um processo de autoculpabilidade nos jovens. Mesmo quando buscavam fazer as coisas certas, cumprindo as exigências do mercado de trabalho, ainda não eram contratados.

Quando questionados como se sentiam na busca pelo primeiro emprego, também houve consenso nas respostas

“Sim, muitas vezes a gente fica muito frustrado porque a gente quer logo, a gente quer trabalhar e as empresas estão muito exigentes hoje em dia, por mais que seja o primeiro emprego, elas exigem tanto de você e você não tem nada, então é realmente complicado.” (Entrevistado 3)

“Já, principalmente na área. Me sinto perdido, porque você vai procurar e eles pedem “5 anos” de experiência fazendo isso e “3 anos” fazendo aquilo.” (Entrevistado 1)

“Já pensei sim em desistir; as vezes até dou uma pausa, onde paro um pouco de pesquisar mas eu to sempre enviando o currículo, por exemplo, principalmente online que é mais fácil e não é sempre que preciso ir na loja fisicamente.”
(Entrevistado 5)

“Fico frustrado por estar bastante difícil, mas desistir nunca pensei.” (Entrevistado 6)

“Quando procurei foi frustrante, porque você leva muito “não”, só que aí você continua tentando e esforçando até alguma hora aparecer uma oportunidade.”
(Entrevistado 8)

O sentimento de frustração e de desistência foi majoritário entre os que buscavam o primeiro emprego. Sentimentos esses causados pelo mercado de trabalho e pela atual saturação do mesmo, tudo isso causado, segundo os entrevistados, pela falta de compromisso do estado na saúde mental dos desocupados. Assim como observado no estudo de Menezes e Dedecca (2006), pessoas que estão desempregadas se desencorajam mais facilmente, apresentando uma perspectiva pessimista em relação às condições do mercado de trabalho.

4.2 Língua estrangeira

Se tratando da língua estrangeira e se a possuíam, os jovens não enxergavam necessidades de se ter esse conhecimento para uma vaga inicial no mercado de trabalho

“Não. No primeiro emprego eu acredito que não faça tanta diferença, embora eu não tenha nenhum idioma estrangeiro, conheço muita gente que tem formação e está desempregada.” (Entrevistado 6)

“Sou formado em inglês. No primeiro emprego eu acho que não faz muita diferença, porque é exatamente a fase inicial de que você está ingressando no mercado, então acho que no primeiro emprego essa não é uma questão tão importante assim.”
(Entrevistado 5)

“Não. No primeiro emprego não acredito, mas talvez nos próximos, depende da área também que você vai trabalhar, como por exemplo em um aeroporto e tal.”
(Entrevistado 3)

“Sim, o inglês. No primeiro emprego acredito que não faça tanta diferença, mas para empregos futuros pode ser um diferencial.” (Entrevistado 8)

“Eu possuo inglês fluente, consigo falar, traduzir, escrever e tudo o que precisar. Eu achava que fazia diferença, mas como estou à toa até hoje e não consegui nada, não está me ajudando muito não.” (Entrevistado 1)

“Sim, inglês. É bom ter o conhecimento de outra língua, não vejo como um diferencial na busca pelo primeiro emprego.” (Entrevistado 9)

Em relação às línguas estrangeiras, os entrevistados demonstraram que não acreditam que seja importante para o primeiro emprego. Embora seja um diferencial no currículo, o conhecimento, por exemplo, sobre inglês, não é um diferencial para quem ainda não está inserido no mercado de trabalho, mas pode vir a ser uma “carta na manga” em alguma oportunidade de emprego. Mas, diferentemente da pesquisa de Tondelli (2005), “[...] dominar um segundo idioma não se restringe mais a um universo exclusivo de pessoas, mas é sim uma

necessidade básica na formação do indivíduo." Segundo Sanches (1997), para aqueles que estão entrando no mercado de trabalho, só existem duas possibilidades, ou domina um ou mais idiomas ou as chances de conseguir um emprego serão menores.

4.3 Dificuldade na busca pelo primeiro emprego

Sobre o tempo de espera para conseguir o primeiro emprego, os entrevistados relataram insatisfação com a demora e a situação atual do mercado contratante.

“Acho que é pouca oportunidade para muita concorrência. Acredito que vai demorar muito tempo ainda até eu conseguir.” (Entrevistado 6)

“Eu acredito que as opções são muito baixas devido a área que escolhi, que é a de TI. Acho que não vai demorar muito não, só questão de tempo.” (Entrevistado 9)

“Além da situação do Brasil que estamos passando por uma crise e pandemia, estamos com uma massa de pessoas muito desocupadas o que dificulta a achar um emprego. Acho que, pelo fato do problema brasileiro ser um problema de origem política, vai. Porque a politicagem no Brasil, infelizmente, é um entrave em muitas coisas, por exemplo, se a gente precisa passar alguma lei, vai demorar muito.” (Entrevistado 1)

“Eu acho que por toda essa questão do problema que o país passa, já a alguns anos, a oferta de trabalho só vem diminuindo e conseqüentemente o desemprego está em alta. Olha, eu não tenho condições de dizer se vai demorar ou não, depende muito dos principais poderes do país fazer alguma coisa que beneficiem a população.” (Entrevistado 5)

“Porque eu acho que tem muita concorrência, pouca vaga pra muita concorrência. Acho que por isso tá demorando muito.” (Entrevistado 3)

Com um mercado de trabalho cada vez mais concorrido segundo os entrevistados, os mesmo demonstraram uma desesperança com seus futuros. Alguns acreditam que esse problema tenha sido causado por sua área de atuação profissional, ou seja, carreira que escolheram, enquanto outros sentem um certo descaso do governo brasileiro com aqueles que estão desocupados. Segundo Lima e Borges (2002), a falta de acesso a serviços decentes, a escassa entrada no mercado de trabalho e o afastamento social podem desestruturar laços sociais e afetivos, causando um aumento no grau de sofrimento mental, refletindo-se negativamente na autoestima do jovem.

Enquanto na satisfação no primeiro emprego e se pretendiam seguir carreira na empresa, os entrevistados que já estão inseridos no mercado de trabalho apresentaram, em sua maioria, respostas positivas.

“Hoje estou muito satisfeito com meu emprego, não paga muito bem dentro do mercado de trabalho atual, mas gera uma realização pessoal bem interessante, pois estou trabalhando com coisas que eu gosto. Pretendo seguir carreira sim.” (Entrevistado 4)

“Muito satisfeita. Pretendo sim, inclusive é uma das minhas ideias, pois pretendo pegar outras turmas no segmento, então pretendo continuar sim lá.” (Entrevistado 7)

Embora a maioria estivesse satisfeita, um entrevistado apresentou muita insatisfação com o seu primeiro emprego.

“Não. Não pretendo, porque é um serviço desgastante, você trabalha muito até final de semana, a remuneração não bate com o tanto que a gente trabalha, tudo bem que tem umas comissões mas não vale muito a pena, inclusive até os vendedores da loja dizem que a comissão não são tão boas e querendo ou não, não é uma área que eu gosta essa parte de vendas, não me vejo como vendedor, eu iria pra uma área mais administrativa ou financeira, algo assim do tipo, mas se pudesse também seria na área bancária, até porque já tive experiência na área.” (Entrevistado 2)

Foi possível concluir, por meio das entrevistas, uma grande insatisfação por parte dos jovens desocupados sobre a atual situação empregatícia do mercado de trabalho, bem como a satisfação que o primeiro emprego gera em quem já conseguiu. Foi possível identificar o sentimento de frustração perante a superqualificação profissional que as empresas vêm exigindo, a não necessidade de uma língua estrangeira no primeiro emprego bem como a dificuldade de se sair da posição de desocupado. Portanto, sentimentos de frustração e angústia são encontrados naqueles que não foram inseridos no mercado de trabalho, mas, mesmo sem a oportunidade das companhias, os jovens continuam a buscarem suas inserções, e embora o sentimento de desistência seja algo recorrente, não abalam suas procuras.

5 CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que o fato de estar desempregado pode ser um agravante à saúde mental do jovem. De acordo com os dados coletados na pesquisa, as empresas estão exigindo muita formação de jovens que ainda nem foram inseridos no mercado de trabalho, bem como a exigência de línguas estrangeiras que nem serão utilizadas nas tarefas, o que acaba dificultando na busca pelo primeiro emprego. Com isso, os objetivos do estudo foram alcançados, sendo possível observar sentimentos de frustração e até de desistência quando se trata sobre a busca pelo primeiro emprego.

O tema é de suma importância para os jovens que estão na busca pelo primeiro emprego, até mesmo para as organizações em que são contratados. Torna-se interessante a análise de que alguns pré-requisitos para as vagas de empregos não são realmente funcionais, o que acaba desencorajando o jovem sem experiência a se inscrever nesta oportunidade, gerando assim, uma superqualificação do mercado de trabalho. Isso tudo pode acarretar sentimentos negativos ao jovem, que se vê disposto e apto ao trabalho, mas é barrado por pré-requisitos de fachada, fazendo com que acabem aceitando qualquer tipo de serviço, sendo esta a forma de se inserirem no mercado de trabalho.

Identificou-se, como limitação, a diversidade dos participantes da pesquisa, sendo um retrato da realidade de pessoas brancas com formação em instituições de ensino superior privado. Analisando separadamente cada classe social, raça, sexo e pessoas desconhecidas podem trazer uma maior variação nas respostas e, conseqüentemente, um enriquecimento ao estudo.

Levando em conta as limitações, como agenda futura para este trabalho se consiste na abrangência do número de pessoas avaliadas, bem como na variedade de grupos sociais, podendo abranger a pesquisa para fora do Distrito federal para aumentar a diversidade de respostas. Por fim, realizar entrevistas com as próprias organizações contratantes, para melhor compreensão sobre as exigências de seus requisitos bem como o que o jovem poderia fazer para aumentar suas chances de ser contratado.

REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, Mayte Raya *et al.* Aprendiz versus trabalhador: adolescentes em processo de aprendizagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, p. 329-338, 2009.

ANJOS, Felipe Burle dos; MENDES, Ana Magnólia. A psicodinâmica do não trabalho: estudo de caso com concurseiros. **R. Laborativa**, v. 4, n. 1, p. 35-55, abr. 2015

AREOSA, João. O mundo do trabalho em (re) análise: um olhar a partir da psicodinâmica do trabalho. **Laboreal**, v. 15, n. 2, 2019.

ARGOLO, João Carlos Tenório; ARAÚJO, Maria Arlete Duarte. O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, p. 161-182, 2004.

BACIKOVA-SLESKOVA, Maria *et al.* The impact of unemployment on school leavers' perception of health. Mediating effect of financial situation and social contacts?. **International Journal of Public Health**, v. 52, n. 3, p. 180-187, 2007.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, 1977. v. 70.

BERTH, Hendrik; FÖRSTER, Peter; BRÄHLER, Elmar. Unemployment, job insecurity and life satisfaction: Results of a study with young adults in the new German states. **Sozial-und Präventivmedizin**, v. 50, n. 6, p. 361-369, 2005.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

DEJOURS, Christophe. Work and self-development: the point of view of the psychodynamics of work. **Critical Horizons**, v. 15, n. 2, p. 115-130, 2014.

DIAS, Joana Angélica Andrade *et al.* Reflexões sobre distanciamento, isolamento social e quarentena como medidas preventivas da COVID-19. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 10, 2020.

DORNELLES, Aline Espindola; PANOZZO, Vanessa Maria; REIS, Carlos Nelson dos. Juventude latino-americana e mercado de trabalho: programas de capacitação e inserção. **Revista Katálysis**, v. 19, p. 81-90, 2016.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?. **Caderno Crh**, v. 24, p. 37-57, 2011.

GUÉRIN, François; KERGUELEN, A.; LAVILLE, A. **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia**. São Paulo: Blucher, 2001.

HOLLOWAY, Immy; WHEELER, Stephanie. Qualitative research for nurses. 1996.

IBGE. **Desemprego PNAD**. 2021. Disponível em:

<https://static.poder360.com.br/2021/03/desemprego-pnad-trimestral-2020-1-mar2021.pdf>

Acesso em: 05 ago. 2021.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes; BORGES, Adriana F. Impactos psicossociais do desemprego de longa duração. *In*: GOULART, Iris Barbosa (org.). **Psicologia Organizacional e do Trabalho**: teoria, pesquisa e temas correlatos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LOPES, Tomas de Vilanova Monteiro. **Motivação no trabalho**. Rio de Janeiro: FGV, Instituto de Documentação, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1980.

MAGGI, Bruno. Critique de la notion de flexibilité. **Revue française de gestion**, n. 3, p. 35-49, 2006.

MENEZES, Wilson F.; DEDECCA, Cláudio S. Avaliação da duração do desemprego nas regiões metropolitanas de Salvador e de São Paulo. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 10, p. 35-60, 2006.

MROZ, Thomas A.; SAVAGE, Timothy H. The long-term effects of youth unemployment. **Journal of Human Resources**, v. 41, n. 2, p. 259-293, 2006.

NAVARRO, Vera Lucia; PADILHA, Valquíria. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 14-20, 2007.

OLIVEIRA, Adriana Leônidas de; GODOY, Monique Marques da Costa. O processo de resiliência do jovem aprendiz e as estratégias de conciliação estudo-trabalho. **Boletim de Psicologia**, v. 65, n. 143, p. 175-191, 2015.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina; BITENCOURT, Betina Magalhães. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil?. **Ideias em Debate: Organ. Soc.** v. 19, n. 62, set. 2012.

PINHEIRO, Leticia Ribeiro Souto; MONTEIRO, Janine Kieling. Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, v. 10, n. 2, p. 35-45, 2007.

POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadette P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. *In*: POLIT, Denise F. *et al.* (org.). **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. São Paulo: Artmed, 1995.

REIS, Mauricio. Uma análise da transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 69, p. 125-143, 2015.

SANCHES, C. Dominar outro idioma é uma necessidade profissional. **Gestão RH online**. n. 15, p. 30-35, mar./abr. 1997.

SILVA FILHO, Luís Abel da; SILVA, Fábio José Ferreira da; QUEIROZ, Silvana Nunes de. Jovens no mercado de trabalho formal brasileiro: uma análise quantitativa. **Revista Facultad de Ciencias Económicas: Investigación y Reflexión**, v. 23, n. 2, p. 21-34, 2015.

SILVA, Iúri Yrving Müller. **Um estudo historiográfico sobre a psicanálise com crianças no contexto universitário**. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/139424> Acesso em: 20 out. 2021.

TONDELLI, Maria de Fátima. **A influência da língua estrangeira na empregabilidade de profissionais da área tecnológica no setor industrial: um estudo exploratório na região norte do Paraná**. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2005..

WERLANG, Rosângela; MENDES, Jussara Maria Rosa. Sofrimento social. **Serviço Social & Sociedade**, n. 116, p. 743-768, 2013.

WICKERT, Luciana Fim. Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, p. 258-269, 2006.

WOOLFOLK, Anita E. Os professores, o ensino e a psicologia da educação. *In*: WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 17-33.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Perguntas gerais

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Com qual gênero você se identifica?
4. Como se declara quanto a raça?
5. Possui faculdade? Pública ou privada?
6. Precistou de financiamento estudantil ou você mesmo pagou?

Objetivo da pesquisa: Comparar as vivências de prazer e sofrimento estudantes na busca pelo primeiro emprego

Perguntas focadas para pessoas no primeiro emprego.

1. Você está no seu primeiro emprego? Você está atualmente trabalhando?
2. Você já exerceu alguma profissão no mercado de trabalho antes? Qual?
3. Qual o tipo de empresa em que você está trabalhando? Qual a área da empresa em que você está trabalhando? Qual é o ramo da empresa em que você está trabalhando?
4. Onde se localiza a empresa? Em que região a empresa fica?
5. O que você faz na empresa? Qual a sua função na empresa? Qual o seu trabalho na empresa?
6. Como você conseguiu a vaga na empresa? Como você conseguiu seu primeiro emprego?
7. Demorou muito tempo para você conseguir essa vaga? Foi por indicação?
8. O estágio que você fez foi nessa vaga? Já tinha experiência na área?
9. Você conseguiu a vaga antes de se formar? Foi através do seu currículo?

10. Como você organizou seu currículo? Pesquisou na internet como montar ou teve ajuda profissional?
11. Está satisfeito com o seu emprego? Pretende seguir carreira na empresa?
12. Quantas entrevistas você fez na empresa até conseguir a vaga? Já conhecia a empresa antes?

Perguntas focadas para pessoas na busca pelo primeiro emprego.

1. Por que você precisa do emprego? Para ajudar a sua família?
2. Está sendo difícil a busca pelo primeiro emprego? Está a quanto tempo procurando?
3. Você está procurando qualquer tipo de emprego? Qual seria a área ideal para você?
4. Como você se sente na busca pelo primeiro emprego? Você fica frustrado? Já pensou em desistir?
5. Você já tem um salário em mente? Até que valor você aceitaria receber por um trabalho?
6. Você já fez estágio? Onde foi?
7. Caso tenha feito estágio, era no serviço público ou privado? Qual era sua função?
8. Você acredita que um estágio irá acrescentar no seu primeiro emprego? Explique.
9. Você acredita que o estágio acrescentou na sua carreira profissional? Explique.
10. Por que você acredita que não está conseguindo o primeiro emprego? Acha que vai demorar muito?
11. Você acredita que as empresas estão exigindo muita formação para o primeiro emprego? Você acredita que perdeu oportunidades por causa de não ter uma experiência profissional?
12. Você fez alguma certificação na faculdade? Você tem algum curso técnico?
13. Você possui conhecimento sobre algum idioma estrangeiro? Você acredita que faz diferença ter outros idiomas no primeiro emprego?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Aspectos de saúde mental no primeiro emprego

Instituição dos/(as) pesquisadores(as): Centro Ensino Universitário de Brasília - CEUB

Pesquisador(a) responsável Prof. Dr. Igor Guevara Loyola De Souza

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]: Matheus Nogueira Nunes

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é comparar as vivências de estudantes na busca pelo primeiro emprego sob aspectos da interseccionalidade.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser jovem, está na busca do primeiro emprego, está no primeiro emprego ou está desempregado.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em dar informações que serão perguntadas sobre o tema da pesquisa.
- O procedimento é uma entrevista semiestruturada que acontecerá de maneira remota pelo Google Meet e será gravada na mesma plataforma.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos, como constrangimentos ao responder as perguntas apresentadas, desconforto, estresse, cansaço ao responder às perguntas, invasão de privacidade ao responder questões sensíveis (como idade, tempo de serviço) e risco de contaminação devido ao agravamento da pandemia do COVID-19. Além disso, a pesquisa não informará dados pessoais e apenas contará com informações exclusivas para o desenvolvimento da pesquisa.
- Medidas preventivas como interrupção, adiamento ou postergação serão tomadas durante a entrevista para minimizar qualquer risco ou incômodo. Durante a coleta de dados, o pesquisador perguntará, frequentemente, ao participante, como ele está se sentindo. Em caso positivo, o pesquisador dará sequência ao procedimento de coleta de dados. A realização da entrevista ocorrerá com uso de máscara N95 (ou PFF2) pelos participantes, respeitando um distanciamento adequado entre as partes. De preferência, as entrevistas ocorrerão remotamente ou em local bem ventilado.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá compreender como funciona o processo de busca do primeiro emprego de jovens além de contribuir para maior conhecimento sobre o tema.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados na entrevistas ficarão guardados sob a responsabilidade de Matheus Nogueira Nunes com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____,
após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____.

Participante

Igor Guevara Loyola de Souza, email: igor.souza@ceub.edu.br

Matheus Nogueira Nunes assistente, telefone/celular (61) 98138-7355, email:
matheus.nn@sempreceub.com